

DESENHOS DO TEMPO

CARLA BORIN MOURA¹; **EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES²**

¹UFPel – carlaborinmoura@yahoo.com.br

²UFPel – dudagon@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esse resumo apresenta as investigações iniciais do projeto de pesquisa em artes visuais, desenvolvido no curso de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas, na linha Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano.

Abrange descrições do processo de criação dos trabalhos e as reflexões construídas junto com essa produção artística, dando ênfase para os trabalhos realizados nessa fase inicial da pesquisa. Nesta etapa, venho produzido uma série de fotografias que revelam a concepção e algumas transformações da paisagem, captadas no ato de caminhar pela cidade de Pelotas e seus arredores.

As caminhadas me promovem um estado de observação e atenção aos aspectos de transformação da matéria e me fornece subsídios para o pensamento de novas possibilidades de apresentar o que foi visto, me permitindo apreender o mundo em suas mais variadas formas e transmutações.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa utiliza como parâmetros metodológicos as noções de pesquisa em poéticas visuais desenvolvidas por Sandra Rey (2002), para quem, o artista-pesquisador investiga o processo de instauração de seu trabalho plástico, assim como as questões teóricas suscitadas pela sua prática.

O processo de instauração do meu trabalho artístico acontece no deslocamento do ritmo normal da vida, no olhar desacelerado, que observa a paisagem e seus desdobramentos e no modo isso pode ser absorvido e ressignificado por mim, por meio de fotografia, de gravuras, desenhos e mapas.

A pesquisa está diretamente ligada a estas vivências cotidianas e às situações que antes estariam condenadas ao esquecimento próprio do olhar apressado. Um deslocamento distinto dos trajetos diários, das práticas burocráticas do ir e vir na cidade, e da anestesia que somos submetidos pelo sistema de consumo e pelo mundo funcional. Uma excursão, um estado de errância enquanto tática para desviar da recepção passiva.

Michael de Certeau (1996), também fornece aporte para a reflexão sobre o ato de praticar o espaço através do ato de caminhar pela cidade, o que o autor denomina de enunciação pedestres. O espaço se torna lugar através da ação de um sujeito que produz a história e relações sociais do lugar, através do ato de praticar o espaço e de apropriar-se do lugar, ou seja, torná-lo singular (CERTEAU,1996).

A cidade, nessa pesquisa, aparece como espaço do percebido, da impressão imediata, do entendido e que ao mesmo tempo é o espaço das representações, das relações e do imaginário. Nesse sentido, a cidade é pensada não como conceito geográfico, mas como símbolo complexo e inesgotável da

existência humana (FONSECA, 2003). E a memória é abordada como espaço das experiências, da retenção dos conhecimentos aprendidos que envolvem um complexo mecanismo que abrange o arquivo e a recuperação das experiências vividas, coletados através do olhar para as coisas mínimas, para os momentos de pausa e contemplação da paisagem. Isso me remete a Cauquelin (2007), cujo texto nos revela a existência de paisagens afetivas, interiores, culturais, e o quanto estas influenciam nas nossas leituras da paisagem.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo da coleta de imagens fotográficas feitas durante deslocamentos pela cidade, vislumbrando os detalhes que me revelam algumas características do local, com uma atenção voltada aos pequenos detalhes da paisagem é que o trabalho acontece, o olhar captura as peles das paredes, que aparecem como envelopes do incorporal, delimitadores de um espaço do corpo habitado por forças e intensidades (FONSECA,2013). Descamadas, revelam as transformações naturais causadas pelo tempo ou causados pela ação do homem.

Recolhi imagens de paredes/peles em decomposição, descamação (Fig.1), essas imagens fotográficas evidenciam as marcas, os sinais do tempo na paisagem, onde os pequenos pedaços de sua casca caem, parecendo uma pele, que seca, que descasca, que resseca e que se esvai. A imagem acolhe uma janela da paisagem em decomposição. Estas janelas são para a artista Karina Dias (2011) “os lugares das minhas paisagens, das minhas escolhas, são a medida do meu olhar”.



Figura1. Carla Borin. Série Desenhos do Tempo. Fotografia Digital.2013.

As imagens dão a ver os sinais, os rastros do tempo que transformam a paisagem urbana, a natureza encontrada em Pelotas. Os desenhos feitos pelo tempo, nas paredes das casas, mapeiam a passagem do temporal e concedem à paisagem uma autonomia, uma identidade própria.

Os pormenores das peles das casas agenciam a imagem fotográfica, revelando um olhar próximo e focado, são como janelas que descortinam o que é invisível e que posso mapear na cidade.

Elaborar os trabalhos para constituir um novo território, inventado e reconfigurado a partir da prospecção de elementos mínimos que compõe a paisagem, é o que venho desenvolvendo até esse momento (Fig.2).

Depois do registro fotográfico capturando as peles das paredes e a impressão das fotografias contorno a imagem, usando tinta acrílica branca e pincel de ponta fina, os espaços que ficam aparentes. Aqueles que se formam pela ausência de tinta na parede ou pela escamação, delimito espaços que meu olho enxerga, desenhandos linhas de contorno nas fotografias.

Desenho, contorno a imagem fotográfica a partir das linhas sugeridas pelos descascados, pelas peles das paredes. Construo mapas que não se referem a lugar nenhum, apenas representam um imaginário cartográfico.

Depois de contornar, transfiro, escavando e gravando o desenho do mapa para um linóleo, usando um papel vegetal. Escavo, recorto e pinto com várias camadas de tinta branca, formando uma espécie de mapa-objeto das paredes descascadas.



Figura2. Carla Borin. Série Desenhos do Tempo.
Intervenção em fotografia 6cmX9cm e mapa-objeto.2014.

As cascas, as peles das casas e os acontecimentos em torno destes, instauram espaços possíveis e imaginados quando acolhidos pela lente fotográfica.

Ao captar apenas uma parte da superfície que recobre as paredes acredito instaurar um outro território, aquele agenciado pelo olhar, atravessado pela experiência com os elementos que compõe de maneira quase invisível o lugar e as coisas de uma urbe que atravessamos correndo, dando a ver a complexidade que é possível encontrar no banal. Investindo nas convergências e trânsitos relacionados a imersão, ao olhar atento ao entorno e nas possibilidades de relacionar e pensar os trabalhos, utilizando o espaço como uma janela da percepção, ativando-o e criando possíveis deslocamentos através do sujeito que o habita e da experiência agenciada.

4. CONCLUSÕES

Os deslocamentos pela cidade, a captura de imagens e as várias traduções da cidade através de vários olhares, agenciados pela experiência é o que proponho com essa pesquisa em andamento.

Com esse movimento percebo que caminho na contramão de um *modus operandi* contemporâneo acelerado e dispersivo, que nos enfraquece em nossas potências mais verticais. E é na direção inversa dessa onda que nos consome de maneira insidiosa e cotidiana, que cada fotografia, mesmo que sutilmente, evoca uma chance de resistência ao modo como nos relacionamos com os espaços da cidade e a paisagem, fazendo com que as imagens atuem como espaço de passagem para uma errância, feita através do agenciamento e da percepção.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CERTEAU, M. **A Invenção Do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: RJ, Vozes, 2011.
- DIAS, K. **A prática do banal, uma inspiração paisagística**. Acessado em jul. 2014. Online. Disponível em http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/karina_dias.pdf.
- FONSECA, T.M.G. A Cidade Subjetiva. In: FONSECA, T.M.G; KIRST, P.G. (Org) **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Parte III, p.253-257.
- REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: TESSLER, E; BRITES, B. (Org)). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p.123-140.